Passe na AMP*

Maria Anita Carneiro Ribeiro

Ao receber o convite do Cartel do Fórum do Campo Lacaniano para falar de minha experiência no passe, questões se colocaram para mim: de que lugar falar, para quem e para quê?

Quando o sujeito se propõe a se submeter à experiência do passe, propõe-se a recriar o Outro que, através de sua própria travessia na análise, ele sabe que não existe. No passe o sujeito recria o Outro pela via da demanda do passe. Na medida em que este Outro é recriado pelo passante, é um Outro inconsistente, contingente, a serviço de um real em questão que é a relação do passante à causa analítica. É esse real que está no cerne da passagem do trabalho de transferência à transferência de trabalho, e que vai estar em jogo, de uma maneira particular para cada um, na demanda do passe.

O Outro a quem enderecei minha demanda de passe foi a AMP, e o outro que a escutou, aliás muito bem, e a acolheu como demanda legítima foi Jacques-Alain Miller, secretário perpétuo e ambulante do passe. Pedi o passe em novembro de 1997, em Buenos Aires, fiz o passe em janeiro de 1998 em Barcelona e quando recebi o resultado - em junho de 1998 - dois meses antes de me demitir da AMP, já não endereçava mais minha transferência de trabalho a esta comunidade analítica, e o que é mais grave, algumas circunstâncias faziam-me não dar mais nenhuma credibilidade a qualquer resposta que eu pudesse obter.

Não fui nomeada AE e o lugar do qual escolhi falar é o de alguém que atravessou o dispositivo e dele extraiu conseqüências. Para quem falar, a que Outro dirigir meu depoimento, responde-se por si mesmo, na medida em que aqui falo: à futura Escola. E aí está também para que falar: para que o testemunho das várias experiências possa se constituir na depositação de um saber que nos possa levar à construção de uma comunidade analítica de Escola verdadeiramente nova.

Disse no início que era o real da relação do passante com a causa analítica que estaria em jogo, para cada sujeito de uma maneira particular, na demanda de passe. No meu caso, decorreram dois anos entre o final de análise e o momento em que me decidi pelo passe, e quando o fiz fui movida pela clínica. Tendo no divã, sob transferência, sujeitos que atravessavam o final de seus processos analíticos, quis então, eu mesma, atravessar o dispositivo do passe.

Como disse, a minha não nomeação foi cercada de circunstâncias que puseram em questão a credibilidade que eu pudesse dar à resposta. Entre outras coisas, normalmente o cartel do passe se põe à disposição do passante não-nomeado para discutir com ele qualquer aspecto que tenha restado como questão. Esta oferta nem sequer me foi feita.

---

*Trabalho apresentado no Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro em 1999

No entanto, quando o passante recria o Outro pela demanda do passe, aguarda uma resposta desse Outro. Ora, no meu caso particular, esse Outro, a AMP, não é mais o lugar do endereçamento de qualquer demanda ou de qualquer aposta, ou seja, não é Outro: e a Escola por vir, ainda está por vir. Assim sendo, não vou dar testemunho de meu passe clínico, sobre o que considero o final de minha análise, até porque não está fechada para mim a possibilidade de me submeter de novo ao dispositivo no âmbito de uma nova Escola, quando os laços de transferência de trabalho e de confiança me permitirem receber uma resposta – sim ou não – como legítima.

Vou falar de um aspecto particular que surgiu como uma questão teórica e que toca em pontos sensíveis da elaboração sobre os finais de análise, e que resultou de minha própria experiência no dispositivo do passe. Fiz duas análises com um lapso de cerca de vinte anos entre a primeira e a segunda. Durante esses vinte anos casei, tive filhos, produzi, trabalhei, amei, escrevi, enfim, vivi, aparentemente sem sintomas. Retornei à análise quando uma irrupção do real pôs para mim em questão meu próprio estilo de vida.

Ao longo de minha segunda análise tive a possibilidade de pôr em xeque e deixar cair os ideais que me haviam sustentado por anos a fio, bem como ressignificar como sintomáticos traços que julgava inquestionáveis.

Foi assim que, ao longo das entrevistas com os passadores, pude rever num *a posteriori* esses dois momentos e concluir que, ao final da primeira análise, tinha havido uma pacificação dos sintomas com a fixação de traços de caráter que, por serem sintônicos ao eu e ao ideal do eu, não constituíram nunca uma fonte de sofrimento psíquico, e só puderam de fato ser abalados e caírem a partir da experiência que me levou à travessia da fantasia.

A mulher obsessiva – trata-se de uma caso de neurose obsessiva em mulher – encarna uma contradição que não raramente leva a quadros graves de depressão. Enquanto neurótica, ou seja, enquanto sujeito, é uma religiosa do significante, prende-se a ele com uma fidelidade que não encontramos na histeria. No entanto, a modalidade de "bancar o homem" na histeria é bem mais sólida do que na neurose obsessiva, uma vez que a histérica identifica-se ao homem pela via do desejo, enquanto que a obsessiva, segundo Lacan (*Seminário II*), identifica-se imaginariamente ao homem, afastando a questão do desejo que mantém como impossível. Não nos esqueçamos que o caso descrito por Joan Rivière sobre a mascarada feminina é um caso de neurose obsessiva em uma mulher. A fragilidade dessa identificação faz com que, por um lado, a mulher obsessiva se aferre a seus parceiros com a obstinação da dama da poltrona, a que Freud se refere na Conferência 17 (*Sobre o sentido do sintoma*), e, por outro lado, possa ser lançada no desamparo mais profundo da dor de existir, pois, diferentemente do homem obsessivo, não conta com um suporte imaginário nela própria que lhe dê sustentação fálica. Mantém-se pois na posição de escrava, à mercê do outro, ao qual se cola imaginariamente para sobreviver. Assim sendo, enquanto não-toda, também a mulher obsessiva não encontra refúgio no significante para dar conta de seu ser de mulher, o que a mantém na posição dúbia de crença no significante (enquanto obsessiva) e não-crença (enquanto mulher).

A análise reabre a questão histérica "O que é uma mulher", que subjaz à questão da morte veiculada pelo dialeto obsessivo, pondo em xeque as identificações fálicas, o que torna a condução da análise de uma mulher obsessiva numa questão delicada, uma vez que, mais do que a histérica, a obsessiva sabe que um dos nomes d'A Mulher, que não existe, é a Morte.

Em Análise Terminável e Interminável (1937), Freud diz que a conclusão de uma análise é um assunto prático, e acrescenta: "Todo analista experimentado poderá recordar uma série de casos em que se despediu do paciente para sempre *rebus bene gestis* (porque as coisas andavam bem)". O próprio Lacan, nas conferências americanas, diz que não devemos levar uma análise longe demais. Curiosamente, imediatamente após haver feito o seu comentário prático, Freud se refere à *análise do caráter* dizendo que "Aqui não se poderá prever facilmente um término natural, por mais que se evite expectativas exageradas e não peça da análise tarefas extremas".

Mas afinal, o que é o caráter para Freud e em que o estudo do caráter pode contribuir para repensarmos as questões do final de análise?

Em 1908, em Caráter e Erotismo Anal, Freud diz que "os traços de caráter que permanecem são continuações inalteradas das pulsões originárias, sublimações delas ou então formações reativas", definindo assim o traço de caráter como traço significante, um destino da pulsão. Em A Disposição para a Neurose Obsessiva, (1913), distingue o caráter da neurose dizendo que "enquanto que na neurose há conflito no caráter falta o fracasso da repressão e o retorno do reprimido". "Por isto", acrescenta, "tais processos da formação do caráter são menos transparentes e mais inacessíveis à análise do que os processos neuróticos."

Tais observações se coadunam com o que ele próprio diz em Análise Terminável e Interminável (1937) porém em 1915, no texto sobre a Repressão, parece desmentir estas observações. Freud distingue então as formações substitutivas, do sintoma. Diz claramente, tomando o exemplo da neurose obsessiva, que o escrúpulo não é um sintoma, mas uma formação reativa, conseqüência do recalque, como o sintoma, mas distinta deste. Diz que neste destino dado à pulsão, a defesa do sujeito contra a representação intolerável e recalcada é mais frágil, o que torna a neurose obsessiva uma luta estéril e incessante.

Em 1923, em O Eu e o Isso, Freud coloca o traço de caráter no âmbito da identificação e aproxima esta modalidade de identificação àquela que encontramos na melancolia. Diante do objeto sexual que deve ser abandonado "porque parece que deve sê-lo ou porque não há outro remédio", sobrevém uma alteração que deve ser descrita como a "ereção do objeto no eu". Diz então que: "o caráter do eu é uma sedimentação dos investimentos de objetos abandonados, contém a história dessas eleições de objetos", ou seja, tal como o sintoma, condensa uma história de amor, mas, diferentemente deste, não faz sofrer.

Ao contrário da melancolia onde a identificação é com a posição de objeto, enquanto objeto perdido, no caráter a "ereção do objeto" falicizado permite ao eu negociar com o isso e oferecer-se ao isso como substituto do objeto perdido: "Olha, podes amar também a mim; sou tão parecido com o objeto...".

No adendo intitulado "Resistência e contra-investimento" de Inibição, Sintoma e Angústia (1926), Freud amarra cuidadosamente o caráter a um tipo específico de formação reativa, comparando a neurose obsessiva à histeria. Na neurose obsessiva, a resistência frente à representação recalcada se manifesta sob a forma de um contra-investimento: "Se manifesta como alteração do eu, como formação reativa no interior do eu, por reforço da atitude oposta à orientação pulsional que deve ser reprimida (compaixão, escrupulosidade da consciência moral, limpeza)". E acrescenta significativamente: "Estas formações reativas de neurose obsessiva são, por inteiro, exageros de traços de caráter normais, desenvolvidos ao longo do período de latência".

Ao distinguir a formação reativa na histeria e na neurose obsessiva, diz que na histeria "tais formações reativas não mostram a natureza geral de traços de caráter mas se limitam a relações muito especiais". Dá o exemplo de uma mulher histérica que trata com excessiva ternura o filho, que no fundo odeia, e acrescenta que isto não faz com que ela seja no conjunto mais amorosa ou mais terna com outras crianças. Já na neurose obsessiva o característico "é justamente esta generalização, o afrouxamento dos vínculos de objeto, a facilidade para o deslocamento na eleição de objeto". Ou seja, o que pode ser resumido num chiste dos *Peanuts* (história em quadrinhos americana): Eu amo a humanidade; são as pessoas que eu odeio!

Na 32ª Conferência: "Angústia e vida pulsional" (1933) distingue com muita clareza a formação do sintoma da formação reativa, que define como "um complemento que nunca falta na formação do caráter". Na formação do sintoma o contra-investimento se conjuga em oposição com a energia da moção pulsional reprimida, enquanto que na formação reativa o contra-investimento é acolhido no interior do eu, "como reforço de determinadas disposições, *como alteração permanente*" (o grifo é meu). Freud vai dizer ainda que "o fragmento mais importante e mais decisivo" para a formação do caráter é "a incorporação da anterior instância parental na qualidade de supereu".

RECALQUE

Sintoma	Caráter
- formação do inconsciente - s(A)	- formação reativa
- traço significante	- traço significante
- há gozo no sintoma - S	- há gozo no traço de caráter
(letra que fixa o gozo)	("ganho de prazer") Freud, 1916
- o incurável do sintoma S	- alteração permanente do caráter

A partir da experiência do passe, em que pude rever dois momentos de finais de análise, surgiu-me a questão: como verificar a diferença entre a identificação

ao sintoma no final da análise e a fixação de um traço de caráter?

Em seu artigo " S (X)", Jacques-Alain Miller diz que:

"O sintoma como interpretável, supondo que haja desaparecido, deixa um núcleo não elaborável. A este núcleo podemos chamá-lo incurável. Então, o que resta senão assumi-lo? Não somente assunção da castração mas também assunção do sintoma. Joga-se nisto, sem dúvida com um certo impudor, um **Sou como sou"**. Esta frase, Miller voltou a citar, atribuindo-a Prévert, na Assembléia Geral da AMP, em Barcelona, julho de 1998.

Poderia dizê-la numa versão feminina: "Eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim...". Diria mesmo que foi assim que saí de minha primeira análise, em que já havia me autorizado analista, e assim vivi muito bem e tranqüila por cerca de vinte anos. É isto o suficiente para um analista?

O critério da assunção da castração não parece nem remotamente suficiente uma vez que, como nos diz Lacan, "a recusa da castração, se há algo que com ela se pareça, é, antes de mais nada, uma recusa da castração do Outro" (p. 638). Na verdade, Lacan acrescenta em outro momento que é aí mesmo que alguns analistas se enganam pois "essa castração, contrariando essa aparência, é algo a que ele [o neurótico] se apega" (p. 841). Em outras palavras, a castração já está assumida de saída pelo neurótico.

Assim sendo, a questão não se resolve assumindo o sintoma como se assume a castração pois não é disto que se trata. Trata-se a meu ver de balizar com precisão o que podemos compreender como identificação ao sintoma no final de análise e distingui-la claramente da fixação de traços de caráter, principalmente nos finais de análise em casos de neurose obsessiva. Se o traço de caráter é um traço que fixa o gozo e além disto, como nos diz Freud, no caráter não se observa o retorno do recalcado, do que posso dar testemunho sobre os anos que vivi sem conflitos que merecessem de fato este nome, após minha primeira análise, é importante sustentarmos esta questão a fim de que não venhamos a ter uma hoste de analistas obsessivos, docentes aferrados a suas formações reativas e encastelados nos seus traços de caráter a repetir sem pudor: "Sou como sou".

Pois para conduzir a análise de um obsessivo, nos diz Lacan:

> "Não é preciso apenas o traçado de um labirinto reconstruído, nem tampouco um lote de mapas já desenhados. É preciso, antes de mais nada, possuir a combinatória geral que lhes rege a variedade, sem dúvida, mas que, de maneira ainda mais sutil, nos dá conta dos *trompe-l'oeil*, ou melhor, das mudanças de vista do labirinto. Pois não faltam nem uns nem outros nessa neurose obsessiva, arquitetura de contrastes ainda não muito acentuados, e que não basta atribuir a formas de fachada. No meio de tantas atitudes sedutoras, insurretas e impassíveis, deve-se captar as angústias ligadas aos desempenhos, os ressentimentos que não impedem as generosidades [...], as inconstâncias mentais que sustentam fidelidades inquebrantáveis tudo isso se movimenta solidamente numa análise não sem

afrontas pontuais. O grande comboio prossegue no entanto."

Lacan aponta com precisão os *trompe-l'oeuil*, as mudanças à vista do labirinto que podem tão bem enganar o analista, pois a neurose obsessiva, "arquitetura de contrastes", está longe de ser um monolito de fachada. A sedução e mesmo a insurreição que de hábito atribuem-se à histeria, aí convivem com a atitude impassível, e a angústia, o ressentimento, a dúvida e a dívida podem conviver bem com a generosidade e a fidelidade inquebrantável.

A segunda análise, tendo me conduzido ao atravessamento da fantasia, levou-me bem além do "sou como sou". Ou mais precisamente a um "eu não sou", na verificação de que nenhum objeto e nenhuma substância designa o meu ser. Eu sou enquanto efeito da linguagem, efeito do significante pois disto não posso me curar: continuo falando, tendo um inconsciente, sonhando, cometendo lapsos e é neste ponto que, como sujeito, sustento o incurável do sintoma - efeito de linguagem.

A este incurável que a análise me conduziu: para além do **eu falo**, com toda a ambigüidade que designa a posição fálica do obsessivo, eu sou falada pela linguagem que habito e na qual nenhum significante dá conta de meu ser, assim como não o faz nenhum objeto - nem mesmo o silêncio de uma voz afônica e estrangeira.

Foi deste ponto irredutível que durante as entrevistas com os passadores pude retornar aos dois momentos de final de análise chegando à constatação, divertida inclusive, de que mesmo os traços que durante toda uma existência eram tão meus que eu nem sequer os levara para serem questionados em análise, haviam desaparecido, ou perdido de tal forma a importância que para mim nada mais significavam. Alguns desses traços podem ser até bem confortáveis, como a generosidade, a fidelidade inquebrantável, como aponta Lacan, e eventualmente posso, porque me agrada, fazer uso deles mas não mais porque "eu sou assim"... Estrangeira de si mesma, o sujeito no incurável de sua divisão subjetiva. Parafraseando Lacan, diria que o sujeito se deixa escrever pela vida com ares de ser sujeito.

É então, a partir desta verificação, que a experiência do passe me proporcionou repensar a identificação ao sintoma como critério de final de análise, trazendo este depoimento como uma contribuição à discussão.